

O HERALDO

Director, proprietario e administrador

JOSE MARIA DOS SANTOS ANTIGO «JORNAL DE ANNUNCIOS»

RUA NOVA PEQUENA, 1 E 8

Redacção, administração, composição e impressão

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

RUA NOVA PEQUENA, 7 E 9

A PARADA

Os jornaes extrangeiros continuam a entreter o falta de assunto—também esta molestia, ao que parece, os ataca de verão—publicando notícias terroristas acerca da situação política no reino de Portugal. Falam de conspirações republicanas e de sanguinarias hecatombes, em um futuro muito próximo, com aquella sem-cerimónia faceta com que os velhos de Tolentino retalhavam o orbe...

Hecatombes anunciadas são sempre produto de rocambolescas imaginações. Mas a verdade é que, d'esta vez, o mal creou raízes por cá e foi uma celeuma diabolica a propósito da grande parada que se realizou em Lisboa na terça feira ultima, commemorando o primeiro centenario da guerra peninsular.

Bradavam os republicanos que os jesuitas queriam aproveitar esse dia para realizar, enfim, a já lendaria intentona—especie de matança que havia de transformar a cidade em uma tragica salgadeira, clamavam outros que o sr. João Franco pairava já, nos ares, ás portas da capital, de grandes azas sinistras e facalhão de magarefe, á espera d'essa manhã de nevoeiro... E, n'esta expectativa, forjavam-se boatos, aventavam-se suposições, idealisavam-se carnagens phantasticas, o Directorio republicano reunia á hora fatídica da meia noite, tomavam-se precauções misteriosas, os conventos reclamavam fôrças de polícia para as portarias, dizia-se que do arsenal do exercito haviam desapparecido munições de guerra, esvoaçava, enfim, por sobre o paiz, a nuvem annunciadora das catastrophes historicas...

Ainda ninguem viu, segundo crêmos, signaes nas estrelas. Estas lampadas divinas, por enquanto, ainda se não resolveram a fallar. Mas não faltava quem já tivesse visto em sonhos os dois grandes exercitos, prestes a cahirem um sobre o outro. De um lado, o fogo dragão republico, chispando lume dos olhos incendidos; e posto ás tres pancadas, para desaffrontar as idéas, o vermelho sangrento da barretina phrygia. Do outro lado, a phalange jesuitica, de sotaina arregaçada, o hyssope dos exorcismos na dextra e o profano bacante na sinistra.

Ao meio, nos ares, pairava sobre as hostes vermelhas o sr. Antonio José d'Almela abraçado ao espetro da Robespierre; sobre as hostes sagradas perpassava o sr. João Franco, unido em fraterno amplexo á alma de Santo Ignacio de Loyola...

A visão parecia arrancada aos devaneios infernaes de Dante. Mas era o exacto espelho da situação, porque bem se diz que os sonhos são a imagem da vida. Sonha cada qual, conforme n'ella lhe correm os pensamentos.

De facto, pouca gente no paiz

deixaria de perder-se em conjecturas, acerca do que iria succeder no dia da parada militar. Um orgão republicano já começara a provar que os bons dos nossos jesuitas conspiravam valentemente. E estes, coitados, não negavam já que tivessem feito exercícios de tiro nas cercas dos conventos. Mas —accrescentavam tambem— procediam assim, apenas para se poderem defender contra os assaltos de que estavam ameaçados.

Em resumo: não se sabia qual dos dois bandos queria tomar a offensiva—o que nos fazia suppôr a nós, pertencentes á classe escassa dos bem humorados, que ficariam em casa uns e outros, deixando correr a parada em socego.

E previmos bem: foi exactamente isso o que sucede. A parada foi uma festa de unica intuição patriótica e, com mais ou menos povo, com mais ou menos garbo militar, foi um acto que não deu motivo a revoltas... nem mesmo a tropos inflamados dos jornaes.

Tudo paz, tudo tranquilidade! Antes assim.

IMPRENSA

Com o titulo de *Correio do Algarve* começou a publicar-se em Lagos um novo semanario que se diz defensor dos interesses regionaes e do bem publico em geral. E seu redactor o sr. Guerreiro Fogaça e proprietario e director o sr. Padre João Henrique.

Ao novo confrade agradecemos a sua visita, testemunhando-lhe desejos de vida prospera e longa.

HENRIQUE CANÇADO

Pelo governador do Banco de Portugal acaba de ser nomeado agente do mesmo Banco em Faro, na vaga aberta pe'o falecimento do sr. Manoel Joaquim Ferreira d'Almeida, o nosso presado amigo e estimavel patrício sr. Henrique Matheus Cançado, filho do nosso estimado amigo e solicto administrador d'este concelho sr. Jordão José Conçado.

Por muitos motivos a noticia d'esta nomeação, que se soube terça feira á noite n'esta cidade foi para nós causa de sincero agrado e é tambem com sincera satisfação que enviamos um abraço de parabens ao nomeado e a seu pae.

Liga Nacional d'Instrucción

O professor Rodrigues Aragão tem a honra de convidar os cavaleiros e senhoras tavirenses que se interessam pelos assumptos de instrução, a assistirem a uma conferencia publica, independente de convite especial, que deve realizar nas salas da escola Jára, que a ex.^{ma} Camara d'esta cidade pôz, para este fim, á sua disposição, no dia 27 do corrente pela 1 hora da tarde.

Na conferencia versará dois assumtos intimamente relacionados: Liga nacional d'instrucción e exposição do seu metodo de Leitura.

MARTINS CARAÇA

Tomou hontem posse do seu cargo de escrivão de juizo de direito 3.^o officio d'esta comarca o sr. Manoel Martins Caraça, que recentemente foi nomeado para aquele lugar.

CHRONICA DE PARIS

O PROBLEMA DA AVIAÇÃO EM FRANÇA.—ESTÍMULOS E ENTHUSIASMOS.

Magnifico espectaculo é o que estamos presenciando agora em França, e tenho o maior gosto em declará-lo por ter sido um dos que mais asperamente criticaram a paragem, precursora de lamentavel decadencia, em que vi durante annos, este paiz tão glorioso outrora pelas suas conquistas civilisadoras.

Não quero fallar hoje nas questões politicas, nem nos projectos do governo para quando reabram as camaras, nem nas victorias mais ou menos discutiveis das armas francezas sobre os marroquinos da fronteira argelina, nem nas manobras militares que teem logar actualmente a oeste da França emquanto as manobras allemandes se dão na fronteira da Alsacia. Tudo isso é simplesmente circumstancial e transitório.

Em troca, ha uma coisa que eleva o espirito e que impondo-se a certos pessimismos e desanimos da hora presente, vem iluminar com um rai de esperança os que, avidos de progresso sentiam como uma nostalgia dos positivos e perduraveis desenvolvimentos n'esta terra, que durante tantos seculos, ergueu o facho da civilisação em todo o mundo.

Eu queria fallar, a este propósito, no grande movimento de entusiasmo que ha actualmente em França, por causa dos trabalhos que se estão realisando aqui, para chegar ao triumpho definitivo da navegação aerea, pelo sistema da aviação.

E' de justiça reconhecer que d'esta vez é fundado o entusiasmo em factos positivos.

As victorias recentes alcançadas pelo norte-americano Wright, com o seu aeroplano foram para os franceses poderoso incentivo, ahí estão agora Farman e Delagrange (o ultimo sobretudo) para nos mostrarem o que podem a emulação e o amor proprio.

Os percursos effectuados por Wright com a machina voadora foram realmente prodigiosos e o percurso realisado, esta ultima semana, por Delagrange foi deveras maravilhoso. Na verdade lhes digo que, depois de ver voar magestosamente nos ares, a poucos metros das nossas cabeças aquelle immenso passaro mechanico e dar voltas com toda a facilidade e regressar ao ponto de partida, com matematica exactidão, sem accidente algum, só nos resta dar palmas, felicitar o vencedor d'esse gigantesco torneio e confessar com cavalheirismo que, n'este paiz, ainda se podem realisar grandes coisas, sobretudo n'este genero de trabalhos, producto da mechanica, aplicados á locomoção em todas as esferas.

Senão vejam o que se deu com o automobilismo. Ninguem pode negar que foram os franceses os primeiros que o propalaram e aperfeiçoaram até conseguir que a marca franceza fosse a mais afamada pela velocidade e resistencia.

E' verdade que hoje existem marcas estrangeiras que, em quanto á resistencia, talvez levem a palma ás francezas, mas isso em nada diminue o merecimento da iniciativa e certo é que os industriaes francezes, estimulados pelos competidores, acabaram por construir o automovel ideal, elegante e confortavel ao mesmo tempo, com a maxima resistencia desejada.

Em velocidade não fallo, pois

sou d'aquelle que reprovam com a maior indignação a velocidade que costumam dar áquelle vehiculos certos figurões denominados os reis do sport, por pura vaidade e que, por ser geralmente mortifera, não devia ser tolerada.

Pelo que diz respeito ao problema da aviação, a patria dos Montgolfier não quer ficar atras, e faz bem, sobretudo em vista do antecedente scientifico de terem sido os franceses os primeiros que tentaram a conquista dos ares.

O publico francez, especialmente o de Paris que, em geral, não gosta de coisas complicadas, preferindo trivolidades que o divertam, tem-se comtudo interessado immenso por esta lucta scientifica que se entaboulou entre os autores de diferentes aeroplanos; o que significa uma boa tendencia, uma reacção, por assim dizer, a favor das ideias de progresso que, durante muito tempo, vimos desde-hnadas e abandonadas. O triunfo verdadeiro ha de ser no dia em que virmos o povo parisense accudir em multidão para assistir a uma corrida de aeroplanos e considerar com certa indifferença outros spectaculos pouco atrahentes por si e nada scientificos, taes como as corridas de cavallos que só servem para estimular o jogo e satisfazer a ostentação de quatro ricaços que, com o pretexte de aperfeiçoarem a raça cavallar, vão ás corridas só por vangloria e para encherem as algibeiras com as economias dos parvos.

Paris, setembro de 1908.

A. Vinardell Roig.

REGATAS

Continua o entusiasmo pelas regatas que o Grupo Sport promove no rio d'esta cidade no proximo domingo 27.

E' já grande o numero de correntes.

FESTAS DAS CHAGAS

Com pompa igual á dos annos anteriores realisou-se na quinta feira passada, na egreja da veneravel ordem terceira de S. Francisco, a festa das Chagas, pregâo na festa da manhã o rev. coadjutor da freguezia de S. Thiago d'esta cidade, sr. Manoel Callado, que se fez agradar pela dição correcta e desembaraçada da sua oração, e na festa da tarde o antigo orador Bernadino Pessanha, de Faro.

LYCEU DE FARO

Veiu transferido para o lyceu de Faro o professor do lyceu de Bragança sr. Antonio da Silva Barbosa.

OS NOVOS

SEPARAÇÃO LEGAL

Pois muito bem — Se tu não acreditas que toda a minha vida se resume a ver-te, a admirar-te... Para que assim me fitas com esse olhar de lume, se eu não devo amar-te?

Não devo amar-te não. Eu dei o coração e vê; tu só entraste com desprezo! Vamos pois dissolver a sociedade com todo o peso; com toda a rectidão e imparcialidade.

Cada um ficará com o que é seu;

e assim pois,

ficamos bem os dois.

Tu com todo o desprezo que é só teu, e eu pelo trabalho da acção; sim, ficarei com todo o coração que tinha sido meu.

Faro — Setembro de 908.

Mario Ramos.

LIVROS NOVOS

III—No País do Sol—Ludovico de Menezes.

No País do Sol é uma hossana, um hino da luxuriante província do Algarve. Conhecemos apenas o 1.^o volume dos «Perfis» em que o sr. Ludovico de Menezes esbôca as fisionomias literárias e artísticas de Lyster Franco e João Lucio e a fisionomia bohemia e espirituosa de Carlos Fuzzeta.

O sr. Ludovico de Menezes, apraz-se nas descripções, e neste género é elle exímio. Por isso o que mais me seduziu no seu livro não foram bem os perfis, em que a psicologia não morde fundo, mas a descripção do Algarve, vivida, luminosa, como vivida e luminosa é esta província meridional do país.

Assim, esta parte da sua obra, mais do que o retrato literário de plumbitos da província, mais do que reflexões sobre Deus a Morte, continua a sêr a apologia ardente do Algarve, um cantico entusiástico erguendo-se do seu peito para a região que o sol aquece em hyperthermias fecundantes. E ao lér essas páginas tão brilhantes, como aquelas que lhe inspirou a contemplação do formosissimo panorama de S. Braz, quanto me lembra o delicioso torrão que é a minha terra, sem a áspera rudeza das Beiras, nem a crueza luminosa do Algarve! Aqui, a agitação fervorosa da vida, as sensações tumultuosas, o desordenado sentir, o sol quente, o ar como impregnado de essências fortes, aphrodisiacas, excitantes, como uma atmosfera de cantháridas; ali, a pureza do ar fresco, a frescura do clima suave, a suavidade dos aromas bellos, a beleza dos panoramas vastos e até a castidade de toda a Natureza, em que há o agreste perfume dos pinheiros e a consoladora poesia dos campos de oliveiras. Ali, as árvores altas, robustas, vigorosas, são athlétas de braços amorósos; aqui, a árvore é baixa, rente quasi á terra, e de longe, como do alto de S. Braz, o arvoredo parece um tapete de verdura. Ali é a terra do vigor, da força; aqui a patria da voluptuosidade e da moléza.

E enquanto no Algarve a mulher é pequena e franzina e não há, excepto em Olhão, fortes carnações e filhos vigorosos, ali é a riqueza muscular da fémea, os peitos mais túrgidos, a estatura mais alta, de olhar mais luminoso, divinas no explendor da sua formosura, de corpo divinamente branco e opulentamente fresco. Por isso eu amarei sempre mais as terras do norte em que o pão é mais gostoso, o vinho mais brando e a voz das mulheres mais cristalina.

Ludovico de Menezes é um apaixonado pelo Algarve: ama-o, sente-o, descreve o. Magistralmente. Essas páginas dão a impressão alacre da vida, são a expressão da realidade, são páginas de natureza e de verdade. O estilo é impecável: Ludovico de Menezes castiga a linguagem, corrige-a, afina-a, lama-na-a, por assim dizer, como a uma folha d'ouro a que se quer dar maior transparencia, até que ella dê, ao reflexo da sua própria critica, a impressão de deslumbramento, que elle pretende produzir.

Há duas classes d'espíritos enquanto á feitura das obras literárias. Uma é a dos impulsivos, escrevendo d'um jacto, incapazes de aperfeiçoar, de limar, de torturar a forma. O sr. Lyster deve pertencer a esta classe d'espíritos. Outra é a

dos reflexivos, limando-o corrigindo-o, aperfeiçoando-o sempre, até ficarem satisfeitos de si mesmos: é essa tortura enervante, de aperfeiçoamento técnico da literatura que era o martírio de Flaubert e que tanto afligia o nosso inegualável Eça. A essa classe, mais feliz, porque conta com mais probabilidades de êxito, pertence o espírito do sr. Ludovico de Menezes.

Inicia-se este volumzinho com o *Salomanito*, em que tudo tem incanto menos o insignificante conto que constitui o fútil pretexto d'um descriptivo brilhante, d'uma cópia paizagista que deslumbra.

Com isto quero dizer que me vou pôr de joelhos, com reverencia, e me ponha a rezar: *Ludovico, Señor Nossa Principe dos literatos?* Não; da minha pena nunca sahe uma palavra que eu não sentisse. Dotou-me a natureza com muita pobreza de inteligencia e de talento; mas deu-me uma riqueza de que nunca me alienei, para minha infelicidade e orgulho meu: a sinceridade. Por isso, o dizer-lhes que não reconheço no sr. Ludovico nem qualidades críticas nem disposições largamente filosóficas; admiro-o como estylista; e é pouco sér estylista? sê-lo-há; eu é que com muito menos d'esse pouco me contentava.

Eu quereria no estudo do Algarve mais do que páginas impressionistas, uma obra positiva, de observação e de estatística, sob o ponto de vista, étnico, regional, psicológico, antropológico: raça, folk-lore, tradições, lenda, cancionero, carácter, instrução, industria, commercio, actividade. Esta obra está incompleta e, aquilo que está feito, fragmentado; ainda ninguém—que eu saiba—se lembrou de fazer esse trabalho utilissimo de compilar o que está disperso e de investigar o que está por investigar, dando assim do Algarve uma história completa num monumento que devia de ficar. Seguiriam no seu amôr pela terra natal o acrisolado amôr do distinto paleontólogo de Alcobaça Vieira Natividade, que depois de muitos anos de profícios estudos, leituras de arquivos, exames de bibliothécas, excavações de grutas, extrahiu uma obra monumental, prestes a publicar-se.

Não fez essa história o sr. Ludovico. Carece tal trabalho de muitos annos de aturado estudo, constante labuta e superior abnegação, que não compensam nem o falso e insciente louvor dos homens, nem o lucro negativo das edições. Ante a indiferença ignominiosa d'uns e a pequenês liliputiana do outro, desfalecem as melhores vontades. D'aqui, a literatura portugueza sér um conjunto de obras leves, mais de impressões que de raciocineos, gracos como as espumas do mar, mas, como ella, destazendo se a breve trecho.

Nós temos um talento, Fialho d'Almeida, que não escreveu uma obra que figure. É triste ter de o confessar. Mas é a verdade. Que fez Fialho? Páginas lindas, como muito oiro dos *Gatos*, os *Ceifeiros*, o enterro de D. Luís, contos admiráveis... mas nada sólido; não tem uma obra da qual se diga: esta impõe-se a posteridade. Não: palavras brilhantes como as d'elle não terão mais éco que na nossa geração moderna. E tudo isto—apesar de neste caso também haver, talvez, uma contribuição da sua patologia—porque em Portugal não se pôde escrever uma obra de fôlego e os grandes ficam em ironias, sueltos, contos de campónias a quem sensibilisam voluptuosidades de novilhas, charges, impressionismo, zero...

Por isso, a obra fundamental a fazer neste país do Sul, ainda que curiosa e sumamente importante, só pôde nascer, nas actuaes condições, d'uma teimosia ou d'um heroísmo. O seu autor há de querer trabalhar, e muito; há-de querer perder, e muitíssimo. Além d'isso, o sr. Ludovico de Menezes e um parnasiano e não sofre elle pois esse trabalho extenuante de procuras e investigações. Desvelado cultor da fôrma, embevecido adorador do estilo, artista da prosa, não se coaduna com o seu temperamento tal género de trabalhos.

Emfim: o sr. Ludovico, dentro do seu papel de cultor da fôrma, neste particular, tem no seu livro um precioso documento do que vale e pôde o seu engenho. Dizemos lo sem acanhamento, porque não temos o gosto de condecorar o sr. Ludovico. Os nossos génios são mesmo contrários e as nossas predileções são diversas: mas isso não obasta a que, sempre dentro do nosso honesto processo de crítica, digamos o que d'elle pensamos, sem atender a prováveis antipathias ou nos inspirarmos em réles e baixos despeitos. Longe da noss'alma estão esses pensamentos mesquinhos e esses maus sentimentos.

Se tão profundamente nos separa a sua antipathia e a minha maneira individual de encarar a literatura, nada me impede, antes pelo contrário, tudo exigir que, continuando isolado, eu diga sobre elle essas palavras humildes de justiça e de apreço que ahi vão.

Raul Proença.

SOMATOSÉ NA CONVALESCÊNCIA

FESTA EM CACHOPÓ

Realisou-se no domingo ultimo, na aprazivel e saudavel aldeia de Cachopó, a festa em honra do seu orago de Santo Estevão, decorrendo muito animada e concorrida. Abrilhantou-a a afamada philarmónica *Artistas de Minerva*, de Loulé.



A PROVA

Rua da Senra, Villa do Conde, 30 de Julho de 1907.

Havia já muito tempo que meu filho Joaquim Francisco da Silva, de 6 annos de edade, sofria de uma affecção pulmonar, vendendo dia a dia a definhar cada vez mais. Procurei immensos remedios para o alliviar de tão horroroso sofrimento, e só na maravilhosa

Emulsão de SCOTT

é que encontrei esse ambicionado allívio, podendo hoje dizer com toda a satisfação que o meu filhinho se encontra perfeitamente bom e radicalmente curado, pois que o vejo forte e robusto e com a alegria que é peculiar em todas as crianças.

ANTONIO FRANCISCO DA SILVA.

A RAZÃO

Os pais observarão que a emulsão que curo este rapazito, quando tudo o mais não conseguiu, foi a de SCOTT. O nome vale muito, porque muitas emulsões, muito parecidas com a de SCOTT em apparença, são comumente feitas de óleo inferior de qualquer animal marinheiro grosseiro, ao passo que a de SCOTT é sempre exclusivamente feita de óleo norueguês de alto grau. Tem sido a força intensamente nutritiva e

curativa

d'este óleo que tem tornado a Emulsão de SCOTT a emulsão favorita de médicos e parteiras em todo o mundo. Para que não haja possibilidade de enganos, cada envolucro tem o "peixeiro" de SCOTT além do nome SCOTT, e não se deve aceitar nenhum sem elle.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 réis por cada frasco, todas as Farmacias e Drograrias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 réis meio frasco e 900 réis frasco grande.

Existir sempre a Emulsão gratuita, contra 200 réis por frasco, que obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Sucursal da Mousinho da Silveira, 85, 1º, Porto.



CARTA DE BEJA

Por ter sido de grande gala o dia de hontem, houve concerto, na parada do quartel d'infanteria 17, pela banda do mesmo regimento, das 7 ás 9 horas da noite e illuminações na fachada do edifício do quartel, deixando, como sempre, muito a desejar as ditas illuminações. A referida banda, sem duvida uma das melhores da província, executou um bonito e variadíssimo repertório que muito agradou pela sua boa execução.

A propósito diremos que, existe no jardim publico d'esta cidade, em logar apropriado, uma haste de ferro que sustenta um quadro com caixilho de vidro para nas occasões em que a banda toca no coreto d'aquele bello e apreciavel recinto, se collocar o programma das diferentes peças musicais que deveremos ouvir. Pois por occasião das afamadas festa do Sacramento que é de costume realizar-se n'esta cidade, houve tambem n'aquelle recinto umas corridas de bicyclettes, recinto este naturalmente improprio para esta especie de diversões e que devido á concorrência de povo e talvez mais ao espirito realmente destruidor da maior parte dos rapazes d'aqui ou fosse por outra qualquer razão, o certo é que o caixilho, que é preso por duas simples dobradiças, por que estas se quebraram, desapareceu e até hoje não mais se conseguiu que o collocasse, dando isto logar a que nunca mais tivessemos alli o programma da musica, ficando é claro os ouvintes que desconheçam qualquer peça... continuando a desconhecer a ou aos seus autores...

Pelo Amor de Deus, senhor vereador do respectivo pelouro; mande pôr alli o caixilho... Ou será necessário que os frequentadores do jardim Abram uma subscrição para a compra d'umas dobradiças de doze vintens!...

O que lhe podemos garantir é que, enquanto não virmos ali os programas musicais não deixaremos d'insistir sobre o assumpto. Pois se já n'uma vez vimos n'um banco proximo ao alludido quadro um polícia de guarda ao *papeluco* que um aprendiz da banda foi espiar n'um dos ornatos do referido quadro!...

E' esperada nos principios do proximo outubro, uma companhia d'opera comica de Lisboa, sob a direccão do estimado actor Ernesto do Valle, artista mui considerado do theatro do Princepe Real da capital, que tenciona dar aqui dois ou tres espectaculos, levando á scena, ao que parece a conhecida *Gran Duqueza e as Pupilas* do sr. Reitor. Oxalá não se arrepentam e cá os esperamos com anciadade.

A *tournée* Adelina Abranches que aqui deu tres recitas seguindo para essa província, no regresso desejou dar-nos mais uma noite de alegria e bem estar levando á scena *O Gaiato de Lisboa* e *A Androcta*, mas em vista da falta provavel d'espectaculos, pois que quasi tudo partiu para as praias mormente d'essa encantadora província, a refreshar-se nas salsas ondas, desistiu do seu intento, seguindo para Setubal, no que, no seu interesse talvez fizessem bem.

Beja, 16-9-908.

Zelme.

NOTÍCIAS MILITARES

Foi colocado em infanteria 4º tenente de infanteria 21º sr. Arnibal da Conceição Soares.

Foi colocado em infanteria 27º tenente de infanteria 4º sr. Alfredo de Sousa Galvão.

Pedi licença disciplinar o tenente do distrito de recrutamento e reserva n.º 4º sr. Sousa Coutinho.

Pediram para ir servir no ultramar os srs. tenente Gama Pinto e Pires Franco e sargento José Joaquim, de infanteria 4º.

FIGO

O vapor *Algarve* levou d'esta província para Lisboa, na sua ultima viagem, 7:734 caixotes, 520 caixas e 12 saccos côm figo secco da presente colheita.

Da Praia da Rocha

As festas têm ocupado toda a actividade e toda a atenção da colonia balnear, nos últimos dias. Ellas não foram porém simples passatempos, sem significação alguma. Muito pelo contrario. A batalha de flores, a matinée de 2.ª feira e os jogos floraes de 3.ª feira foram tambem manifestações de arte, qua muito devem ter contribuido para a educação do gosto artistico dos que a ellas assistiram.

Não se pode duvidar com effeito de que, em questões de arte, muito tem progredido a nossa província nos ultimos annos. Quem diria ainda ha pouco que em Faro se fariam hoje exposições de pintura e na Praia da Rocha batalhas de flores e torneios litterarios? Mas é uma realidade!

As festas começaram no sabbado 12, com a missa na capella do forte de Santa Catharina e matinée e lunch para as creanças no Casino.

Foi este sem duvida o peor numero das festas. A missa que foi simplesmente resada, apenas assistiram algumas senhoras e cavalheiros, e a matinée não decorreu tão animada nem com aquella ordem que deveria haver, talvez devido ao facto de muitas creanças não saberm dançar e não terem sido ensaiadas para isso, como deveriam.

A noite houve recita por amado es, dizendo a sr.ª D. Maria Adelaide Pacheco com muita graca o monologo *Amor e rheumatismo* e fazendo a sr.ª D. Carolina Maravilhas, a menina Natal Maravilhas e o sr. Francisco Bivar a comedia *Carta a Santo Antonio*, que teve um bom desempenho. A menina Natal Maravilhas disse ainda o monologo *A morte da boneca* e D. Carolina Maravilhas o monologo *Os homens* ambas com muita correção.

No domingo, 13, houve de tarde a batalha das flores, que se realizou entre a porta do casino e o *chale* do sr. dr. Magalhães Barros. O trajecto destinado ao desfile dos carros estava todo embandeirado, havendo de um e outro lado bancadas para os assistentes, que eram em grande numero, por ter concorrido muitissima gente de fora.

A batalha começou proximamente ás 5 horas da tarde e durou até depois do sol posto. Compareceram ao todo 21 carros e 1 automovel, sendo 14 carros ornamentados todos com muito gosto. D'estes salientavam-se o guiado pela sr.ª D. Rachel Sequerra, enfeitado a hortenses brancos e azuis, que obteve o 1.º premio; o do sr. Joaquim d'Almeida Negrão, representando um barco (*Arade*—o nome do rio que desagua em Portimão), tripulado por 3 meninas e 3 rapazes, todos rigorosamente vestidos de marinheiros, e que obteve o segundo premio; o do sr.ª D. Carolina Maravilhas, enfeitado a azul e cor de rosa e encimado por uma borboleta; e o da sr.ª D. Joseph Feu, representando uma pandeireta, enfeitada de flores das cores nacionaes hespanhalas (vermelho e amarelo).

Deve dizer se, em abono da verdade, que os carros não eram em geral tão ricos como os que figuraram na batalha das flores realizada em Faro nas festas de junho ultimo, mas batalhou-se talvez com mais entusiasmo do que alli. As serpentinas, as flores, os saquinhos de *bombons*, os rebuçados cruzavam-se no ar incessantemente e a alegria irradiava do rosto de todos.

Durante a batalha tocou em frente do casino a philarmonica de Portimão.

A noite, o jury indicado na minha chronica anterior, com exceção do sr. Joaquim d'Almeida Negrão, que foi substituido pelo nosso amigo Manoel Alberto Soares, capitão do porto, fez no meio de grande assistencia, a distribuição dos premios, sendo o 1.º uma linda bilheteira em Sévres, e o 2.º um artístico tinteiro de metal branco *arte nova*.

Depois d'isto teve lugar o baile, mal comportando o salão, que é enorme, o grande numero de pares dançantes, principalmente na quadrilha.

Na 2.ª feira, 14, realizou-se a

matinée musical e litteraria, que foi outro bello numero das festas.

Constou de tres partes a saber:

I PARTE

1.º *Ballade et Polonaise*, a violino e piano, de *Vieux Temps*, pelos srs. Perez e Fernandes, os musicos que esta temporada têm estado tocando no casino.

2.º *Rondó capriccioso*, piano a 4 mãos, de *Mendelson*, pelos srs. J. Duarte e F. Vargas.

3.º *Voce di dona*, aria da *Gioconda* de *Ponchielli*, pela sr.ª D. Maria A. Maravilhas.

4.º *Arabeske*, de *Schumann*, pela sr.ª D. Magdalena Antunes.

5.º *Farfalla di sera*, duo de soprano e barytono de *Denza*, pelos srs. D. Lucinda Garrido e dr. Athayde.

II PARTE

6.º *Os dois gatos*, poesia, pela menina Izabel Buisel.

7.º *O baptizado da boneca*, poesia, pela menina Rachel Garrido.

8.º *O Dragão*, poesia, pela menina Natal Maravilhas.

III PARTE

9.º *Souvenir de Haydn*, a violino e piano de *Leonard*, pela sr.ª D. Aline Pimentel.

10.º *Oh! bel astre de Thannhauser*, de R. Wanger, pelo sr. dr. Athayde.

11.º *Chanson de Morinette*, romanza de *Togliofico* pela sr.ª D. Lucinda Garrido.

12.º *Clair de lune*, sonata de Beethoven (2.ª parte) a piano, pela sr.ª D. Anna Baptista Abreu.

13.º As canções populares *Limão Verde*, *Maria*, a *candela virou*; a *Rolinha*, *Oh! canavial*, *A liberdade*, *Vae laranja ao ar* e *Oh! Anna*, por um côro de 50 vozes, sendo 25 senhoras e 25 homens.

Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelas sr.ªs D. Magdalena Antunes e D. Anna Bivar.

Todas as senhoras foram muito aplaudidas, tendo porém maior ovacão o 1.º, 5.º, 10.º e 13.º sendo este ultimo bisado com grande entusiasmo.

As poesias foram todas ditas por tal forma que não pareciam sé-lo por creanças, como realmente foram. A menina Natal Maravilhas, na poesia *O Dragão*, como de resto no mais que tem desempenhado, tem-se revellado uma verdadeira vocação artistica.

A noite dançou-se animadamente, tendo havido na quadrilha 56 pares, e terminando a festa d'este dia pelo *cotillon*, em que apareceram marcas bastante engracadas e em que foi par marcante a sr.ª D. Carolina Maravilhas e o sr. dr. Justino Bivar.

Na 3.ª feira, 15, tiveram lugar os *Jogos Floraes*, outro numero de sensação

Como sempre imparcias,
Examiadas as provas,
Concluimos que estas trovas
Eram todas originais.

Em toda esta poesia,
Da mais ruim á melhor,
Pequena diff'renca havia;
Toda era um mimo, um primor!

Dizemos, e não são pétas,
Achar pouco uma rainha;
E' uma coisa bem mesquinha,
P'ra dar a tantos poetas!

Pois se vissem que talento
Aqui á mão nos veiu dar,
Haviam de concordar
Não serem de mais um cento.

Cá na nossa opinião,
Só este recurso havia;
Que isto não é poesia,
E' uma grande reinação.

Este protesto lavrado,
Vamos dar nosso parcer,
Paciencia queiram ter,
Se não fôr do seu agrado:

Equalá-lo em poesia
Aqui ninguem é capaz.
Que leveza! que alegria!
O diabo do rapaz!

Eu de resto não duvido
Que elle tenha inspiração,
Mas quem olha p'ra o Garrido
Não diz que sim, nem que não.

Não são seus versos de atheu,
Pelo contrario é um fado
P'ra ser batido e cantado
Pelos fadistas do céu.

A poesia a seguir
Do poeta Zé Castauho
E, por caso bem extranho,
De cõr de burro a fugir.

Rouxidões calem o bico,
Emudeçam as cigarras,
P'ra cantar um fado rico
Venham de lá tres guitarras.

Mas que grande desatino!
Até parece impossivel
Que o Jeronyma Buisel
Só trouxesse alexandrino.

Não é verso de ballada,
E' um verso de epopeia.
Não ha no mundo sereia
Que cantasse tal maçada.

Aos vates de fôra digo
Que não é só versejar,
Que é preciso vir dançar,
Vir dar o corpo ao castigo.

Para os outros infelizes
Nós podemos consolar,
P'ra que não possam julgar
Que lá por serem petizes,

Que lá por serem creanças,
Não tem uma rainha,
Quando a sua obrasiña
Nos dá tantas esperanças;

Pediremos em geral,
A favor dos degraçados,
P'ra serem incorporados
Na guarda municipal.

E agora p'ra terminar
Dirímos á gente amiga,
Como a cigarra á formiga,
Cantaram! Pois vão dançar!

Uma prolongada salva de palmas acolheu esta sentença, depois do que os poetas subiram ao palco a fim de receberem os bouquets e flores que lhes estavam destinados.

Foi em primeiro lugar o sr. Eduardo Garrido, que recebeu o seu bouquet e o foi entregar á sr.ª D. Amelia Salter, gentil e graciosa dama de Faro, que d'esta forma ficou eleita a rainha da festa, subindo logo ao trono, no meio de nova salva de palmas de toda a assistencia pelo braço d'aquelle cavaleiro.

Os srs. dr. Castanho e Jeronymo Buisel entregaram respectivamente os seus bouquets ás sr.ªs D. Luna Sequerra, tambem de Faro, e D. Rachel Mira, de Beja, duas das mais formosas meninas da assistencia, que foram igualmente tomar os seus logares.

Em seguida, e depois de terem os membros do jury e os poetas classificados prestado vassallagem

á rainha, beijando-lhe a mão, procedeu-se, com vénia d'esta, á leitura das poesias classificadas, sendo todas muito applaudidas.

Finda a leitura, a rainha com voz vibrante fez a nomeação do sr. João Trigoso Ramos para seu ajudante de ordens, e do sr. dr. Cortes para seu reposteiro-mór, o que produziu grande hilariedade no salão.

Dançou-se depois a quadrilha de honra, composta de 52 pares, que desfilaram, ajoelhando, em frente da rainha, sendo essa quadrilha marcada pelo sr. Eduardo Garrido.

Terminada a quadrilha, dançou-se ainda com grande animação até proximo da meia noite.

O sr. dr. Castanho distribuiu pela assistencia a sua poesia, que fizera imprimir com antecedencia.

E assim terminou este numero dos festejos, digno dos tempos medievas, e que deve ter deixado gratas recordações no espirito de todos que a elles assistiram.

Na quarta feira teve lugar um passeio por mar até em frente do Cabo de S. Vicente e da Armação de Pera, em que tomaram parte proximamente 70 pessoas, entre homens e senhoras, da colonia balnear, que ficaram encantadas com esta diversão, tanto mais que tiveram um dia e um mar esplendidos.

O embarque fez-se no caes da fabrica do sr. João Fialho proximamente ás 6 horas da manhã, e o desembarque proximo das 3 da tarde, no mesmo lugar, tendo-se almoçado a bordo, no meio de varios incidentes proprios d'estas diversões.

— Tem estado aqui nos ultimos dias os srs. Jacintho Parreira, acompanhado de sua gentil filhinha Maria Feliciana; Rodrigo Aboim, recebedor em Villa Real de Santo Antonio; dr. Alberto de Magalhães Barros, delegado do procurador regio em Lagos, e seu irmão Antonio de Magalhães; e muitas outras pessoas, cuja enumeração completa seria quasi impossivel.

Damos a seguir, pela ordem da sua classificação, as poesias classificadas:

Na egreja ajoelhada,
Quando rezas com fervor,
Eu p'ra ti não valho nada...
Amas a Nossa Senhor.

Ao teu coração seduz
A imagem resplidente
D'esce pallido Jesus,
Que morreu por toda a gente.

Dás me o calix d'amargura
Com seu horrido sabor!...
Amas a Deus com ternura,
E a mim não me tens amor.

Ao Senhor dás teus carinhos,
Que ama a todos igualmente...
P'ra mim a c'rôa de espinhos,
Que morreu por ti sómente.

Eduardo Garrido.

Se Deus foi do mundo auctor,
Como a Biblia nos ensina,
Tu cumpres a lei divina,
Amas a Nossa Senhor;
Tambem eu, se ainda fôr
Em teu coração presente,
Hei de amar-te loucamente!,
Com mais carinho (vê isto!)
Do que tu amas a Christo,
Que morreu por toda a gente.

Mas que serve contrapôr
Meus sentimentos aos teus,
Se tu só amas a Deus
E a mim não me tens amor?
Deixa! Se um dia a dôr
D'esta magua em mim latente
Me arrebatar, descontente
Da vida, onde estou soffrendo
Quero que fiques sabendo
Que morreu por ti sómente.

José Castanho.

Sentir por ti, mulher, amor forte, vibrante!
Sentir o coração, ardendo palpitar,
Crear uma illusão — ardente phantasia,
Que a mente nos assaga e sonha e pensa e crê!
Sentir dentro do peito, um mar tumultuoso,
Que se agita insosso, alto, magestoso,
Em ondas de desejo, em ondas de calor!...

E em teu peito de neve, algida e mansamente,
Amas a Nossa Senhor;
Que morreu por toda a gente.

Sentir por ti, mulher, um mundo de carinho!
Sentir, dentro do peito, o cruciente espinho
D'um ciúme que tortura e corta e dilacera,
É sentir frio inverno em plena primavera,
Horrores da velhice em plena mocidade,
Inferno feito Deus, o Mal feito bondade,
Esp'rança sem alento, a vida sem vigor!...

E em teu peito de neve, algida, indiferente,
A mim não me tens amor (*)
Que morreu por ti sómente.

Jeronymo Buisel.

Cá a rapaziada da redação tambem versejou sobre o motte e mandou para os jogos as seguintes voltas que não poderam ser aceites porque os autores não apareceram no local do conflito... poeticamente, para a obrigação do pé de dança.

Ando perdido de amor
Por ti, que devotamente
Amas a Nossa Senhor,

Senhor que foi, certamente,
De tão volvel amôr
Que morreu por toda a gente.

Teu coração, teu fervor
São pra Jesus, simplesmente,
E a mim não me tens amôr,

A mim, que sou persistente
Que por ti vivo na Dôr,
Que morreu por ti sómente.

*
Penso em ti, constantemente,
N'um sonho todo de amôr,
Mas tu, por mim indiferente,
Amas a Nossa Senhor.

Mal sobre a praia te avisto
Fico louco de contente
E rezo por ti a Christo
Que morreu por toda a gente.

Desfôlhaste um mál-me-quér...
Pouco, nada... disse a flor,
Ai! amas quem te não quer
E a mim não me tens amôr.

Tens p'ra mim um ár alto
E sabes perfeitamente
Que sómente por ti vivo,
Que morreu por ti sómente.

(*) Para salva-guardar os «creditos» da composição e revisão do nosso jornal diremos que esta poesia aparece aqui tal e qual está no original impresso que nos foi enviado. Dizemos isto porque muitos dos nossos leitores, ao lerem a poesia, onde é desapiedadamente sacrificado o motte ás conveniencias do verso-ador, dirão de si para consigo: aqui ha gralha, porque a poesia se estivesse assim no original, nem sequer poderia ser admitida ao concurso. Pois foi; e mais do que admittida: classificada.

Ora verdade, verdade: quem d'aqueila maneira estraga a deliciosa quadra de Augusto Gil, não é uma rainha que merece, mas uma duzia de palmatóadas.

N. da R.

OS QUE MORREM

Com 22 annos de edade falleceu na quarta-feira em Lagos, pelas 9 horas da noite, a sr.ª D. Thereza Ribeiro Sant'Anna Correia, esposa do sr. José Ignacio Correia, comerciante n'aquelle cidade.

Falleceu no povo do Odeaxere no dia 16 do corrente a sr.ª D. Thereza do Nascimento, de 66 annos, casada com José do Nascimento, abastado proprietario n'aquelle Povoação e sogra do sr. Caetano Ribeiro Lopes, de Lagos.

O nosso presado amigo sr. Domingos Antonio Rosa, esclarecido professor primario de Castro Marim, acaba de passar pelo angustioso transe de lhe morrer seu unico filho, o menino José Morgado Rosa, intelligente e querida creança de 4 annos que era o melhor enlevo a a maior telecidade de seus paes.

Abraçamos Domingos Rosa na sua consternada dôr.

Com 102 annos de edade, faleceu no dia 17 do corrente, no Povo de Odeaxere, concelho de Lagos, José Moleiro, natural de Marnelete, concelho de Monchique d'onde foi para aquele Povo de pequeno.

LIVROS

No estabelecimento de José Maria dos Santos, Tavira, já estão á venda os livros aprovados e adoptados para a 1.ª 2.ª e 3.ª classe do Lyceu Nacional de Faro.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Fazem annos :

Hoje, 20—D. Sol Ruab, José d'Abreu Macedo Ortigão.

Sogunda, 21—José Sarmento.

Terça, 22—D. Maria da Encarnação Travassos Neves Quintino, a menina José Almodovar.

Quarta, 23—Abel Botelho, João Lino.

Quinta, 24—D. Maria das Mercês Maldonado, D. Isbel B. L. Athayde, D. Marina das Mercês Sequeira Pacheco.

Sexta, 25—Guilherme Angusto Marques d'Assis Correia.

Sabado, 26—D. Anna Xavier de Brito Teixeira Tello, D. Maria Eugenia de Abreu Brazil, Henrique Xavier Cavaco, visconde de Sanches de Baena, João Augusto Caldeira Rebollo.

↑

A bordo do «Oritas» partiu na terça-feira de Lisboa para Londres, em viagem de recreio, o sr. Manoel J. Belmarço.

↑

Chegou a Faro e assumiu as funções de chefe do departamento marítimo do sul o capitão de mar e guerra sr. Antonio José Machado.

↑

Acompanhado de sua mana D. Maria do Espírito Santo de Passos Pinto, encontra-se a banhos n'esta cidade, onde tenciona demorar-se até fins do corrente mês, o rev. prior da freguesia de S. Braz d'Alportel sr. João Rodrigues de Passo Pinto.

↑

Seguiu para a capital na quinta-feira o coronel sr. João de Melo Pereira de Vasconcellos. Deve regressar esta tarde no rapido, com seu filho, nôra e neto.

↑

Acompanhado de sua esposa e filhas chegou na sexta-feira a Villa Real de Santo Antonio, onde vem passar algum tempo, o major medico sr. dr. Antonio Marques da Costa.

↑

Com sua familia deve chegar esta semana a esta cidade, onde vem passar algum tempo a uso de banhos, o sr. Francisco da Luz Clara, de S. Braz d'Alportel.

↑

Realisa-se na proxima terça feira dia 22, um sarau dramatico e musical no Gremio Albufeirense, que está despertando vivo entusiasmo. A parte dramatica está confiada ao actor Manoel Mattos, actriz Herminia Lyster e amadores Paiva Junior, Antonio Cravo e Arthur Canedo, e a parte musical está a cargo do maestro lisbonense Praseres, com a cooperação dos srs. Nobre Sobrinho, Neves, Paiva, Canedo e algumas senhoras d'aqui e da colonia balnear.

Os bailes no Gremio Albufeirense continuam animados, mas nota-se bastante a falta de pianista, o que dá lugar a dançar se relativamente pouco e fatigar as senhoras que tocam. — Pedimos a quem competir, um pouco de attenção para a descida do Penedo, que alem de estar bem estragada, está no mais completo estado de porcaria, o que dá lugar a reparos de todos que por ali passam. Mostremos ao menos n'esta época, que se cuida um pouco do asseio da villa.

↑

Com 22 annos de edade falleceu na quarta-feira em Lagos, pelas 9 horas da noite, a sr.ª D. Thereza Ribeiro Sant'Anna Correia, esposa do sr. José Ignacio Correia, comerciante n'aquelle Povoação.

↑

Na madrugada de terça feira, ouviram-se aqui alguns trovões e caiu uma boa batega d'água que beneficiou as uvas e os figos.

↑

Regressou hontem do Alemtejo, o sr. Antonio de Sousa Dias, chefe da parcialidade progressista e membro da Camara Municipal de Faro.

↑

Começara as vindimas. O preço da uva regula por 600 réis a peça posta no armazém.

↑

— Os srs. João de Souza Uva, Antonio Martins Sancho, dr. Pedro Albuquerque e José de Souza Uva que se achavam na praia de Monte Gordo a passar a estação balnear, vieram aqui no domingo e regressaram alli na terça feira onde se acham as suas respectivas famílias.

↑

— Acabam de nos informar que a agencia do Banco de Portugal em Faro, não desconta letra alguma. Era o que faltava para maior angustia do commercio e industria de S. Braz d'Alportel.

↑

Agradecimento

Aurora Catharina Maldonado, seus filhos, nôra, genros e netos, profundamente penhorados para com todas as pessoas que acompanharam á sua ultima morada seu muito chorado e saudoso marido, pae, sogro e avô, agradecem indelevelmente reconhecidos a todos os seus amigos e pessôas de suas relações que se encorpararam no seu funeral manifestando a sua grande dôr.

